

Taxa de mortalidade durante o neonatal continua alta

Secretária alerta que queda nas mortes só ocorreu na faixa de bebês com mais de 1 mês de vida

Elaine Rodrigues

• Secretária-geral da Sociedade Brasileira de Pediatria, a médica Maria Tereza Costa acredita que episódios como a morte de bebês recém-nascidos em Boa Vista, Niterói e Fortaleza são mais comuns do que se imagina. Nos últimos 15 anos, ressaltou ela, houve no país uma queda na mortalidade infantil decorrente de diarreias ou doenças evitáveis por vacina, como sarampo, que ocorrem com maior frequência em bebês com mais de 1 mês de vida. No entanto, a taxa de mortalidade no período neonatal — que vai do parto até os 28 dias de vida — manteve-se inalterada:

— Essa predominância está começando a aparecer agora. Segundo dados do próprio SUS, quase a metade dos bebês mortos no primeiro ano de vida, no ano passado, faleceram no período neonatal.

Esta é, para a pediatra, uma situação comum a todos os esta-

dos, em que pese a ocorrência de surtos episódicos de infecção em maternidades. Essa situação, segundo a pediatra, que é diretora do Hospital Municipal Jesus, especializado em pediatria, é idêntica à dos países do Primeiro Mundo, onde óbitos de recém-nascidos têm peso maior na mortalidade infantil. As semelhanças, porém, param aí. No Rio, segundo as estimativas oficiais, a taxa de mortalidade é de 20 óbitos por mil nascidos vivos, metade da média nacional, que é de 40 por mil. No Japão, a taxa média é sete por mil.

Para Maria Tereza Costa, a única saída para diminuir a mortalidade neonatal é organizar o sistema de saúde, de forma que a mulher receba melhor assistência no pré-natal e durante o parto e o bebê receba assistência de qualidade.

— A desorganização do sistema leva à superlotação de algumas maternidades, e aí você não tem como garantir qualidade. ■